



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

QUE GRAMÁTICA É ESSA?

Anderson Fernando de Souza¹; Gabriel José dos Santos²; Edilaine Buin³

UFGD/FACALE – Caixa Postal 533, 79.804-970 – Dourados – MS,
E-mail: andersonfernando1503@hotmail.com

¹Bolsista PIBID. ²Bolsista PIBID. ³Orientadora, Professora FACALE.

Nosso estudo em torno de “o que é gramática” foi impulsionado para curiosidade de buscarmos compreender como seria, na escola, ensinar gramática de uma forma mais produtiva do que o que observamos nos manuais didáticos e diferentemente do que temos como referência do nosso ensino básico, compatível com o que é proposto nas escolas que estabelecemos contato em virtude do projeto institucional de iniciação à docência – PIBID-Letras UFGD. Um primeiro passo foi buscar leituras que pretendemos evidenciar as diferentes concepções de gramática. Para este trabalho, definiremos a concepção de gramática tradicional/normativa; de gramática descritiva; de gramática interna e, por fim, de gramática funcional. Nesta última abordagem, a gramática deve se situar em função da leitura e da escrita, principais objetivos do ensino de Língua Portuguesa. A linguagem é vista na interação e a gramática deve estar a serviço do desenvolvimento da leitura e da escrita do indivíduo. Desse modo, a escolha do conteúdo gramatical deve se basear nos problemas encontrados na escrita dos alunos e/ou dos recursos que poderiam ser utilizados para facilitar a leitura de determinado gênero textual. Concordamos que existe uma intrínseca relação entre a criatividade e a gramática. Portanto, o que se busca é a tentativa de correlacionar as questões meramente gramaticais com as práticas sociais do indivíduo, o que geralmente não ocorre, pois a gramática tradicional, baseada na memorização de classificações e na análise de frases isoladas do contexto, oprime a criatividade, em uma repetição de fórmulas e modelos prontos. Percebemos que a tradição é quase que reproduzida mecanicamente: não se procura questionar como foi a obtenção de certos resultados; apenas reproduz de forma passiva o que lhe é passado. Por exemplo, ensina-se a classificar os tipos de verbo, apenas porque isso faz parte do que é esperado, sem qualquer preocupação de correlacionar o conteúdo aos usos, aos gêneros discursivos. Buscamos exemplos na literatura linguística de como poderíamos propor algo alternativo na prática, explicitando metodologias utilizadas por professores, além de tentar construir novas possibilidades.

Palavras-chave: ensino, concepções, linguagem.

